



**PRESENÇA JESUÍTA NO SERTÃO DA BAHIA: INSTITUTO SÃO LUIZ GONZAGA -
CAETITÉ 1912-1926**

Fernanda de Oliveira Matos¹

“Foi de Caeteté que chegaram à Baía as
vozes do sertão que chamavam os jesuítas”

Joseph H Foulquier,

Caetité está entre as cidades mais antigas do interior da Bahia, se localiza na porção Sudoeste do estado, a mais de setecentos quilômetros da capital, numa região tradicionalmente conhecida como Sertão ou ainda Alto Sertão.

Devido a fatores climáticos e à presença abundante de água, entre outros aspectos, a região acabou ganhando importância, junto a isso ocorre a instalação de fazendas e o lugar se estabelece como ponto importante de pouso e abastecimento aos viajantes e tropeiros que passavam pela região, buscando alcançar o litoral da Bahia, a Região do São Francisco ou as Minas Gerais.

Ainda na primeira metade do século XVIII, famílias do Arraiá construíram uma capela em devoção à Senhora Sant’Ana e doam terras para a nova freguesia desmembrada da Matriz de Nossa Senhora de Rio de Contas, em 1754.

No início do século XIX, a freguesia de Caetité já se organizava para comprar da Coroa o título de Vila e depois de enfrentar forte oposição de Rio de Contas, foi elevada à categoria de Vila em 05 de abril de 1810, ocupando boa quantidade das terras do sudoeste da Bahia.

A Freguesia e depois Vila de Cayteté - apesar da grande distância da capital e dificuldade de comunicação - sempre teve papel atuante na vida econômica e política da província e sempre foi tida como referência entre as demais vilas da região no que se refere à civilidade e à educação.

É com estas características, de políticos influentes, de trânsito intenso, de economia

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação de Memória: Linguagem e Sociedade. Atua como professora de História - Ensino Fundamental II e na Secretaria de Educação do Município de Caetité no setor de Coordenação das Atividades de Educação Patrimonial na rede municipal e no Museu do Alto Sertão da Bahia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil. Endereço eletrônico: fernanda.om@hotmail.com



tradicional, de religiosidade aflorada e instrução cultuada, Caetité chega ao século XX

Com o iniciar do novo século, com o sistema republicano, com as tendências positivistas de progresso, o Estado Brasileiro proibiu, desde então, qualquer tipo de parceria com qualquer grupo religioso; ao mesmo tempo em que dá liberdade de ensino - o que deixa brechas para a atuação de ordens religiosas no Brasil.

É neste contexto que os jesuítas retornam ao Brasil, à Bahia e à Caetité. O arcebispo da Bahia acolhe os jesuítas na Bahia e a pedido vigário de Caetité, solicita uma escola jesuíta na cidade e justificava seu pedido acerca da fundação da escola com base em preocupações de ordem religiosa.

Assim, em 16 de julho de 1912, é fundado o Instituto São Luiz Gonzaga em Caetité, instituição de ensino importante para o lugar mas até agora pouco estudada.

METODOLOGIA

Considerando a variedade e especificidade das fontes usadas na execução dessa pesquisa, optou-se pela análise de conteúdo compreendendo-a como:

Uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (MORAES, p. 08, 1999).

Nesta perspectiva foi feita uma revisão bibliográfica para aprofundamento teórico considerando estudiosos e pesquisadores da História, da Educação e da Religiosidade no Brasil e a catalogação das fontes primárias. Depois do acesso às fontes, o processo da análise de conteúdo, foi executado em cinco etapas: Preparação das informações; Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades; Categorização ou classificação das unidades em categorias; Descrição; Interpretação. (MORAIS, p. 12, 1999)

RESULTADOS E DISCUSSÕES



O colégio para meninos intitulado São Luiz Gonzaga abriu suas portas em 16 de junho de 1912 com cinco padres, neste caso professores. Segundo Madureira (1929), pelas suas limitações, as matérias de ensino se resumiam a três cursos de instrução primária e aos três primeiros anos do curso Gynasial.

Com o decorrer do tempo os padres foram organizando a escola, as condições de estadia e acomodações foram melhoradas e, à mesma proporção, quantidade de alunos foi crescendo ao longo da década.

O número de alunos aumentou consideravelmente e isso permitiu aos jesuítas dispor de maior qualidade em relação aos trabalhos escolares, à estrutura física e ao seu próprio sustento.

O Pe. Antônio Gonçalves, em suas cartas, faz uma avaliação dos trabalhos da escola a partir do resultado do ano letivo de 1915.

O anno correu bem, graças a Deus, e os exames foram bons, ainda que houve algumas reprovações, o que não fez nada mal à fama do colégio, antes pelo contrário, pois o systema cá no Brazil é aprovar toda a gente com distinção, ainda que não saibam nada. (GONÇALVES, 1915 apud AZEVEDO, 1986, p.44)

A partir dos resultados dos primeiros anos de funcionamento, pode-se observar a necessidade de melhoramentos nas estruturas do prédio e das acomodações do internato.

Ele ainda descreve a boa vontade dos alunos em relação à prática religiosa, o que foi sendo construído a partir da característica mais marcante da Companhia de Jesus – a ação missionária. Enquanto alguns padres e irmãos ficavam no colégio responsabilizando-se pelas atividades educacionais, os outros saíam em missão pelo sertão com intuito de fazer-se expandir a fé católica e tornar o Instituto São Luiz Gonzaga mais conhecido entre os sertanejos.

Eram objetivos dessas missões, aproximar os sertanejos de Deus e da religião católica a partir da “distribuição” dos sacramentos básicos da Igreja – o batismo e o casamento religioso – e de práticas de arrependimento – a confissão.

Em relação à formação educacional oferecida pela escola, é sabido que ela seguia os preceitos e os objetivos da Educação Inaciana que visava uma “Educação de excelência” e a formação de líderes.

Para a Companhia, a busca pela excelência se dá num contexto amplo de “excelência humana” determinada pelas circunstâncias de lugares e pessoas, pautada na formação integral do indivíduo dentro da comunidade humana, sem esquecer a dimensão religiosa



que perpassa toda a educação e o diálogo entre a fé e a cultura.

O Jornal A PENNA, periódico da cidade, traz também algumas informações sobre o cotidiano da escola como a abertura e encerramento das aulas, premiações, resultados finais, como também sobre o currículo do Instituto, discriminando, por exemplo, os componentes que eram trabalhados, suas respectivas cargas horárias, nos dando uma ideia do funcionamento dos cursos oferecidos e suas prioridades pedagógicas. Ficou muito visível a preocupação da escola com a área das Ciências Humanas e das Linguagens. Os alunos estudavam duas línguas estrangeiras a partir do 1º ano ginásial, e apesar de não se fazerem ausentes, as ciências exatas tinham carga horária bem menor.

Quanto aos métodos de ensino, tinham características do Ensino Intuitivo e da Rátió Studiorum – Plano de Ensino e de conduta da Ordem Jesuíta

É bem provável que, pelas necessidades e particularidades do Colégio de Caetité, muitos desses métodos tenham sido readaptados à realidade local. Entre as práticas tradicionais da Rátió Studiorum, está a premiação e o estímulo aos melhores alunos ao fim de cada período letivo; este era sem dúvidas momento de solenidade para os alunos, suas famílias, para os padres e para a comunidade, dado a sua importância, sempre ficava registrado no jornal A PENNA

Mediante práticas como esta, a escola foi ganhando e ocupando lugar de destaque na educação local na primeira década de funcionamento. O aumento no número de alunos entre 1915 e 1920 foi bastante considerável e quando terminavam seus estudos ali seguiram para Salvador, onde continuavam estudando em colégios católicos.

Apesar do grande prestígio com que o Instituto adentra a década de 1920, ele não teria mais tantos anos de vida, “as dificuldades em mantê-lo, bem como as inúmeras e novas demandas para o pequeno contingente de jesuítas inviabilizaram a continuidade da obra, além de outros detalhes” (SOUSA, 2013, p.08).

Neste mesmo ano de 1925, a Ordem resolve fechar o Instituto e justifica a decisão à grande dificuldade de comunicação com a casa de Salvador, a dificuldade de conseguir bancas examinadoras - o que levava deficiência ao curso ginásial - e a maior necessidade apresentada por outros lugares da Região Nordeste.

Assim, a escola só funciona até o ano de 1925, mas os Jesuítas ainda ficaram em Caetité por mais um ano, período em que se dedicaram às atividades religiosas na capela de São Benedito em Caetité e às missionárias, nas outras cidades da diocese, despedindo-se de Caetité em 1926. Daqui eles se dispersaram entre os colégios maiores como o Antônio Vieira de Salvador e Manoel da Nobrega no Recife, que mais tarde, também, criariam uma faculdade, que se transformaria numa universidade, dando a parecer que, como os padres



professores do São Luiz de Caetité eram muito bons, seriam melhor aproveitados nestes colégios de grande porte das capitais.

CONCLUSÕES

Apesar de ter tido uma vida muito curta, o Instituto São Luiz Gonzaga, deixou em Caetité muitas sementes que germinaram cresceram e deram frutos. Entre os alunos que passaram por essa escola saíram muitos intelectuais, professores, lideranças políticas da região e profissionais liberais, dentre estes não podemos deixar de falar de Anísio Teixeira, que por muito pouco não segue a vida religiosa na própria Companhia de Jesus, mas deixou para a Bahia e para o Brasil boas ideias e iniciativas no que diz respeito a uma educação laica, gratuita e para todos.

Palavras-chave: História. História da Educação. Educação Religiosa. Jesuíta.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ferdinand. **A Missão Portuguesa da Companhia de Jesus no Nordeste (1911 - 1936)**. Recife, Fundação Antonio dos Santos Abranches-FASA, 1986.

Cartas do Padre Antônio Gonçalves, S. J. ao Padre Sócio. Caetité, 05 de fevereiro de 1915. Cartas Edificantes. Vol.06

FOULQUIER, Joseph H. S. J. Jesuítas no Norte. **Segunda entrada da Companhia de Jesus 1911 - 1940**. Baía: 1940

Jornal A PENNA, 28 de fevereiro de 1913. Disponível no Arquivo de Caetité

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de e SANTANA, Elizabete Conceição - O retorno dos Jesuítas ao Brasil: a República e a Educação na Bahia. in Cavalcante, Maria Juraci, Holanda, Patrícia Helena Carvalho, (orgs). **História da Educação: República, Escola e Religião**. Ed. UFC, Fortaleza, 2012. p. 245 a 292



MADUREIRA, I. M. de, S. J. **A liberdade dos índios. A Companhia de Jesus. Sua pedagogia e seus resultados.** Rio de Janeiro: Imp. Nacional, 1929.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses. Cartas, Histórias e Educação Jesuítica: Apontamentos sobre os Primeiros Anos do Colégio Nóbrega (1917-1920). In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de; ARAUJO, José Edvar Costa de. (Org.). **História da Educação:** República, Escola e Religião. Fortaleza: Edições UFC, 2012, v. 1, p. 293-306.